

Capítulo Um

O EVANGELHO PERDIDO DE Q — FATO OU FANTASIA?

Imagine voar para uma ilha que não existe num avião que ainda não foi inventado.¹ Mesmo se essa viagem impossível acontecesse no décimo terceiro mês do ano, ela não seria tão fantástica quanto à famosa fábula do Evangelho perdido de Q e a igreja primitiva, a qual foi recentemente batizada como verdade científica por alguns estudiosos do Novo Testamento.

A história de Q (abreviatura da palavra alemã *quelle* [fonte]) não é exatamente uma novidade. Ela teve início cerca de um século e meio atrás. Naquele tempo, ela fazia parte da teoria das “duas fontes” da origem dos Evangelhos. Na esteira das afirmações Iluministas de que os Evangelhos não eram confiáveis do ponto de vista histórico, ela sugeria, em lugar da historicidade, que a origem dos Evangelhos fora principalmente de natureza literária. A teoria afirmava que Mateus e Lucas compuseram seus Evangelhos baseados não em recordações históricas, mas utilizando uma fonte dupla, composta de Marcos e um documento hipotético chamado Q.

Essa teoria não estava isenta de dificuldades e não é de admirar que muitos estudiosos anglo-saxões – B. F. Westcott (1825-1901) pode ser um bom exemplo² – bem como autoridades de língua alemã de grande envergadura como Theodor Zahn (1838-1933) e Adolf Schlatter (1852-1938) recusaram-se a aceitá-la. No entanto, ela conquistou influência na Alemanha e, atualmente, desfruta de um monopólio virtual nesse país e amplo apoio em muitos outros países.

¹Adapte o título deste capítulo de *Fact or Fantasy: The Authenticity of the Gospels* (Worthing, England: Walter, 1980), em homenagem ao seu autor, David C. C. Watson. Este capítulo apareceu inicialmente em *Jahrbuch für die evngelikalische Theologie* 9 (1995): 43–61 e em inglês no *Trinity Journal*, n.s.; 17 (1996): 3-18. Uma versão resumida apareceu na *Bible Review*, em agosto de 1995.

²B. F. Westcott, *An Introduction to the Study of the Gospels*, 7ª ed. (Londres: Mcmillan and Co., 1888). Westcott comenta (pp. 12): “Minha obrigação para com os líderes das escolas alemãs mais extremadas é deveras considerável, embora eu raramente consiga aceitar alguma de suas conclusões”.

De acordo com minhas primeiras pesquisas, foi Siegfried Schulz quem deu um ímpeto renovado aos estudos recentes de Q.³ Foi em Schulz que primeiramente encontrei a nova ideia a respeito de Q:

... Q é uma compilação das palavras e ações de Jesus escrita em grego. Em termos de tradição histórica, Q não é uma unidade. A tradição primitiva, obviamente palestina, que é em grande parte idêntica à proclamação do Jesus histórico, deve ser distinguida do material-Q, menos primitivo e, conseqüentemente, mais recente, pertencente ao estágio cristão helenista-judaico da tradição na Síria. Todo esse processo histórico-tradicional, com sua transição da tradição da igreja cristã palestino-judaica para a tradição da igreja cristã helenista-judaica, foi posteriormente juntado numa edição única.⁴

Supostamente, esse processo ocorreu “em algum tempo entre 30-65 d.C.”⁵

Posteriormente, percebi que, de certa maneira, Schulz foi desencavado pelos estudos ligeiramente anteriores de James M. Robinson e Helmut Koester.⁶ No entanto, foi apenas recentemente que uma falange de estudos realizados por Robinson, Koester, John Kloppenborg, Arland Jacobsen e Burton Mack teve uma expansão efetiva a partir da obra de Schulz.⁷ No período final da formação de Q, houve um desdobramento em quatro estágios: Proto-Q1, Q1, Proto-Q2 e Q2 – cada um deles descrito em detalhes, mas sem a mínima tentativa de fornecer alguma prova. A fim de salvar da ruína esse castelo de cartas, o famoso Evangelho de Tomé é atualmente utilizado para dar a Q um apoio ostensivo.

O peso acumulativo desses estudos é captado na declaração de Stephen J. Patterson de que a importância de Q para a compreensão das origens do Cristianismo não deve ser subestimada. Mack está correto em asseverar que uma compreensão melhor de Q exigirá uma reflexão de vulto sobre como o Cristianismo surgiu. Junto com o Evangelho de Tomé, Q nos diz que nem todos os cristãos escolheram a morte e ressurreição de Cristo como ponto focal de sua reflexão teológica. Ambos nos mostram também que nem todos os primeiros cristãos pensavam apocalipticamente.⁸

³ Siegfried Schulz, *Die Spruchquelle des Evangelisten* (Zurique: Theologischer Verlag, 1972).

⁴ Veja Siegfried Schulz, *Griechisch-deutsche Synopse der Q-Überlieferungen* (Zürich: Theologischer Verlag, 1972), 5f.

⁵ *Ibid.*

⁶ *Entwicklungslinien durch die Welt des frühen Christentums* (Tübingen: J.C.B. Mohr [Paul Siebeck], 1971).

⁷ James M. Robinson, “The Sayings of Jesus: ‘Q’”, *Drew Gateway* (outono de 1983); Helmut Koester, *Ancient Christian Gospel: Their History and Development* (Filadélfia: Trinity Press International, 1990); John Kloppenborg, *The Formation of Q* (Filadélfia: Fortres, 1987); Arland Jacobsen, *The First Gospel* (Missoula, Mont.: Polebridge, 1992); Burton Mack, *Q — The Lost Gospel* (San Francisco: Harper, 1993).

⁸ Stephen J. Patterson, “Q – The Lost Gospel”, *Bible Review* 9, n° 5 (outubro de 1993): 34-41, 61-62 (aqui 62). Daqui em diante, as referências a esse artigo serão dadas como BR seguida do número das páginas.

Patterson ficou bastante impressionado com Mack a ponto de citá-lo favoravelmente num argumento posterior, sobre o qual ele (erroneamente)⁹ afirma haver grande concordância entre os estudiosos do Novo Testamento:

Q demonstra que outros fatores, que não a crença de que Cristo era divino, exerceram um papel na geração do Jesus primitivo e do movimento cristão... [Como resultado] as narrativas dos Evangelhos canônicos não podem mais ser vistas como a informação fidedigna dos acontecimentos históricos únicos e fantásticos da base da fé cristã. Os Evangelhos devem ser vistos agora como resultado das primeiras produções mitológicas dos cristãos. Q força o tema, pois ele documenta uma história mais antiga que não concorda com a narrativa transmitida pelos Evangelhos.¹⁰

Aqui descobrimos a verdade: Q é a alavanca usada para arrancar a fé cristã fora de seu ancoradouro bíblico. Não o Evangelho, mas Q deve ser a nova ancora da fé, visto ser Q anterior aos Evangelhos e não concordar com eles. Q resolve o problema.

Pobre Cristandade. Estamos sobre panos de saco e cinzas já que temos seguido os Evangelhos errados e negligenciado a única e real autoridade, Q? Ou melhor, em vez disso, estamos no tempo de barrar a entronização de um Evangelho falso, seguindo o conselho de Paulo e da Palavra de Deus: “se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema” (Gl 1.9)?

A. O que é Q?

A retórica usada por Patterson e Mack é reveladora: “Q originalmente exercia uma função crucial”; “Q demonstra”; “Q força o tema”; “Q chama à atenção”; “Q nos diz”.¹¹ Mas supondo, por causa da argumentação que, em primeiro lugar, Q existiu, não seria ele justamente uma fonte hipotética, um pedaço perdido de papiro, ou um objeto inanimado? Porém, a linguagem utilizada por Patterson e Mack faz que algo morto se torne uma autoridade pessoal dominante. Esse é o material dos contos de fada.

Parece que a assim chamada ciência do Novo Testamento – que despreza a Palavra de Deus nos Evangelhos chamando-a de “o resultado das primeiras produções mitológicas dos cristãos” – criou outro mito. Com isso, temos agora não somente a figura imaginária de Q, mas também a história do povo de Q:

⁹Veja Craig Blomberg, “Where Do We Start Studyng Jesus?” Em *Jesus under Fire*, org. Michael J. Wilkins e J. P. Moreland (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 17-50, espec. 19-25.

¹⁰BR, 40, citando Mack, 8,10.

¹¹*Ibid.*, 38, 40, 41 (bis), 62.

O fato notável a respeito do povo de Q é que eles não eram cristãos. Eles não consideravam Jesus como um Messias ou o Cristo. Eles não tomavam seus ensinamentos como uma acusação ao judaísmo. Eles não consideravam sua morte como um acontecimento divino, trágico ou salvador. E eles não imaginavam que ele ressuscitara da morte para reinar sobre um mundo transformado. Em vez disso, eles o consideravam um professor que ensinou a possibilidade de viver com grande energia e entusiasmo em tempos difíceis. Assim, eles não se reuniam para adorar seu nome, honrá-lo como Deus, ou cultivar sua memória por meio de hinos, orações e rituais. Eles não faziam um culto a Cristo como o que surgiu entre as comunidades cristãs tal como conhecido pelos leitores das cartas de Paulo. O povo de Q era o povo de Jesus, não cristãos.¹²

Se quisermos evitar seguir “fábulas engenhosamente inventadas” (2Pe 1.16), devemos, então, preferir deixar essas fantasias para trás e voltar aos fatos.

B. O que podemos saber com certeza a respeito de Q?

As fontes antigas não nos oferecem ao menos uma ligeira insinuação que uma fonte como essa sequer existiu. Entre os primeiros Pais da Igreja, não há nem mesmo um rumor a respeito de um Evangelho perdido. As informações mais antigas sobre os Evangelhos de Mateus e Marcos são fornecidas por Papias (c. 110 d.C.), que declara que Mateus “compilou τὰ λόγια (os oráculos) em dialeto hebraico (ou aramaico)”.¹³

Papias utilizara um pouco antes a expressão τὰ λόγια em relação a Marcos: “[Marcos] escreveu... aquilo que foi falado ou feito pelo Senhor... mas não para dar uma apresentação compreensiva das palavras do Senhor”.¹⁴

No uso de Papias, a expressão “os oráculos” (τὰ λόγια) era paralela à frase τὰ ὑπὸ τοῦ Χριστοῦ ἢ λεχθέντα ἢ πραχθέντα (o que foi falado ou feito pelo Senhor). Visto que Papias em sua declaração a respeito de Marcos usa a palavra λόγια como sinônimo de palavras e feitos, a expressão utilizada pelo escritor somente algumas linhas atrás não pode ser compreendida exclusivamente como palavras se a regra da lógica for considerada – mesmo sendo esse o significado geral do termo. Deve-se considerar em Mateus precisamente *pars pro toto* (a parte pelo todo), que

¹² *Ibid.*, 40 (Patterson citando Mack, 4s).

¹³ Citado in Lindemann e Paulsen, *Die Apostolischen Väter, griechisch-deutsche Parallelausgabe* (Tübingen, 1992) 294-95.

¹⁴ *Ibid.*

tem o mesmo significado que em Marcos. Até o século 19, a declaração de Papias a respeito de τὰ λόγια era corretamente tomada para se referir ao Evangelho de Mateus.

Papias não diz algo como: o autor da conhecida *Logia* é o apóstolo Mateus. Em vez disso, ele comenta acerca do renomado apóstolo Mateus a quem ele, no seu prólogo, já havia citado nominalmente como discípulo de Jesus e que havia escrito num dialeto hebraico (ou aramaico). Entretanto, nenhum escritor antigo da igreja jamais disse alguma coisa a respeito de um livro com esse título, muito menos um livro escrito pelo apóstolo Mateus. Isso inclui escritores que se expressam de modo totalmente peculiar a respeito de Evangelhos não-canônicos e literatura relacionada a eles, escritores tais como Irineu, Orígenes, Eusébio, Epifânio e Jerônimo.¹⁵

De acordo com Zahn, “um título traduzido em grego τὰ λόγια, ou melhor, se fosse realmente um título, usando λόγια sem o artigo poderia ter sido incompreensivelmente enigmático”.¹⁶ Não temos o menor dos motivos para suspeitar que esse livro sequer existiu. Na igreja antiga, nunca se fez uma distinção entre um livro de Mateus com o título de *logia* e o Evangelho de Mateus. Apenas um livro de Mateus era conhecido, e este era o Evangelho. Jamais houve também alguma menção de que o Evangelho de Mateus (ou algum outro Evangelho) fora produzido com o auxílio de alguma fonte.

Não há nenhuma referência textual crítica a Q. Não existe nem mesmo um fragmento de um manuscrito. E, mesmo assim, esse famoso Evangelho perdido foi supostamente tão amplamente disseminado que Mateus e Lucas, e possivelmente até mesmo Marcos, possuíam cópias dele independentemente uns dos outros.

Paulo nunca menciona Q, embora ele dificilmente ignorasse um documento que tivesse uma influência tão perigosa e que defendesse uma fé tão contrária à sua. Ele poderia não ter conhecido os quatro Evangelhos canônicos, mas não há nenhuma razão para que ele não conhecesse Q, se ele existiu nas décadas anteriores ao surgimento dos Evangelhos.

Q se desenvolveu supostamente entre 30 e 65 d.C. Ele ainda existia quando Mateus e Lucas escreveram – o que se considera ter ocorrido no último quartel do século 1º. Supõe-se que ele tenha sido amplamente conhecido e que cada um dos evangelistas possuía uma cópia. Isso é possível à luz dos escritos de Paulo? Essas três décadas dariam a Paulo

¹⁵ Theodor Zahn, *Einleitung in das Neue Testament*, vol. 2 (Leipzig: A Deichert'sche Verlagsbuchhandlung, 1924), 262.

¹⁶ *Ibid.*, 261.